

FRONTEIRAS DO SABER

Todos os dias, o mundo tem sido surpreendido com novas descobertas científicas. Muitas estaremcedoras. Há poucas décadas, pesquisadores europeus e norte-americanos relataram o início de uma nova era, estava inaugurada a “Era das células-tronco”. A notícia sobre a possibilidade de se extrair células-tronco de indivíduos adultos e de estágios embrionários iniciais trouxe a ciência mais avançada para as discussões nos almoços de domingo com as famílias, aos programas de rádio e televisão. Enfim, a opinião pública foi acordada pelas fantásticas promessas (um tanto irresponsáveis) oferecidas por cientistas, políticos, etc. A manipulação de embriões, a criação de clones, deixou as telas das salas de cinema e passaram a ser realidade. O mundo ficou encantado, estarecido e sobressaltado com as novidades. O descobrimento de novas fronteiras, os avanços tecnológicos são janelas que se abrem, são caminhos sem volta. A mente humana é voraz. Os conhecimentos adquiridos, as conquistas realizadas não podem ser esquecidas ou abafadas. Não podemos (ou não conseguimos) deliberadamente decidir se os conhecimentos científicos ou tecnológicos irão avançar. Não é possível cercar o conhecimento. A aquisição de conhecimento, o fluir das idéias, a, quase, delirante evolução do saber não tem fronteira.

Há cerca de um mês recebemos a notícia de que os geneticistas Capecchi, M, ítalo-americano; o britânico, naturalizado americano, Smities; e o britânico, Evans, MJ, foram os contemplados com o Nobel de Medicina e Fisiologia em 2007. Esta escolha demonstra o impacto que as pesquisas realizadas com células-tronco, produção de animais transgênicos, estudos sobre recombinação de DNA tem realizado sobre a humanidade. E, logo após, em menos de 15 dias, fomos novamente surpreendidos com a notícia de que um grupo de pesquisadores japoneses, da Universidade de Kyoto, reprogramou, através de manipulação genética, células humanas somáticas (fibroblastos oriundos da derme), transformando-as em células pluripotentes, à semelhança das células-tronco embrionárias, capazes de gerar, tanto *in vivo* como *in vitro*, praticamente todos os aproximadamente duzentos tipos celulares distintos, que compõem um indivíduo.

Paralelamente, nosso grupo foi contemplado com o primeiro projeto apoiado por uma agência de fomento à pesquisa Federal com um estudo sobre células-tronco embrionárias. Implementamos tal rotina e desenvolvemos vários projetos de pesquisa com células-tronco adultas e embrionárias. Utilizamos a mesma tecnologia que os pesquisadores japoneses, reprogramação celular, não com o mesmo objetivo, mas a fim de conduzir a diferenciação celular de células-tronco embrionárias para um tipo celular específico. Assim como nosso grupo, vários outros, no Brasil e exterior, tem se dedicado a estes estudos. Apesar de toda a complexidade pertinente a estas técnicas, estes temas tornaram-se populares. Qualquer cidadão é capaz de emitir opinião (as mais distintas possíveis) sobre células-tronco, transgênicos e outros. Esta popularização da ciência, não a desmerece, muito pelo contrário, demonstra que a população passou a ser um ente participativo, pois passa a perceber os reflexos que os avanços tecnológicos podem imprimir em suas vidas. Por outro lado, as opiniões são as mais distintas possíveis, pois são conseqüências de influências religiosas, culturais diversas. Escolher uma única verdade, tendo como base conceitos tão diversos e incertos, torna-se quase impossível. Como chegar a um acordo, se nas bases desta discussão, por exemplo, reside o conceito de “vida”, que até o presente momento não possui definição unânime? Se não conseguimos definir, objetivamente, “vida”, como definir quando esta começa?

Por isso, acredito que as pesquisas com células-tronco embrionárias e adultas devem seguir, pois nenhum pesquisador, ser curioso e investigador por natureza, poderá “esquecer” as potencialidades oferecidas pelas células-tronco. Nenhum decreto vai ser capaz de impedir os avanços tecnológicos científicos. Porém, a opinião pública, apesar de leiga, está extremamente correta, quando clama por cautela. Contudo, uma vez mais, como inferir, definir as fronteiras do saber? Tenho plena convicção que, de fato, as pesquisas com células-tronco serão um marco para a humanidade. E, a tarefa mais importante, que nos cabe, é promover o maior número de discussões possíveis com diferentes representantes da sociedade, a fim de definir, em nosso país, quais serão as linhas de pesquisa com células-tronco a serem apoiadas e realizadas em nosso país. Tenho a plena convicção de que precisamos exaurir discussões para poder legislar, ao invés de coibir, para poder avançar e deixarmos de ser co-adjuvantes do cenário mundial.

Elizabeth Obino Cirne-Lima
Pesquisadora/Coordenadora
Laboratório de Embriologia e Diferenciação Celular
Centro de Pesquisas - HCPA